

## Mais uma vez, obrigada professor!

Andréa Branco Simão<sup>1</sup>

A tarefa de escrever, em poucas palavras, uma homenagem ao querido professor e amigo, José Alberto Magno de Carvalho, não é fácil. O que dizer em umas poucas linhas? Eu poderia falar sobre o muito que ele fez pela Demografia e por várias gerações de demógrafos brasileiros e estrangeiros. Entretanto, decidi seguir um caminho diferente: escolhi dar um tom mais pessoal à minha homenagem, como uma forma de agradecê-lo, mesmo que agora somente em pensamento, pelos ensinamentos e oportunidades que me ofereceu ao longo da minha trajetória no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar). Uma dessas oportunidades mudou completamente o curso de minha vida profissional.

É impossível não me emocionar quando me lembro do dia em que o professor Zé Alberto, então diretor do Cedeplar, me chamou para uma conversa em sua sala, no 9º andar do prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, que, na época, ficava na rua Curitiba. Era uma tarde quente de março de 2005. Eu tinha defendido minha tese de doutorado havia poucos dias e minha licença do trabalho estava quase terminando. Em pouco tempo, eu teria que retornar às minhas antigas atividades como assistente social do Departamento de Recursos Humanos da UFMG. Entrei na sala do professor um pouco nervosa, pois não sabia exatamente porque havia sido chamada para conversar com ele. Calmo e acolhedor, pois certamente percebeu meu nervosismo, o professor Zé Alberto me perguntou se eu teria interesse em permanecer no Cedeplar após o encerramento de minha licença. Não tive dúvidas: aceitei imediatamente o convite, sem imaginar, naquele instante, quantas mudanças ele traria para a minha vida.

A permanência no Cedeplar permitiu, dentre outras coisas, que eu pudesse aprender um pouco mais com o professor Zé Alberto, que sempre se mostrava aberto a uma boa discussão e nunca permitia que minha timidez me impedisse de colocar, para ele, dúvidas que eu tinha sobre diversas questões demográficas. Quantas conversas sobre a técnica P/F de Brass, sobre quedas nas taxas de fecundidade, sobre níveis de fecundidade abaixo da reposição! Sou grata pelas inúmeras oportunidades que tive para pensar e repensar questões relacionadas não somente à fecundidade, mas também sobre migrações e mortalidade. Eu certamente não teria pensado tanto sobre elas se não tivesse permanecido no Cedeplar. Se não fosse pelo convite do professor Zé Alberto, eu também não teria tido as oportunidades que tive para participar de tantas pesquisas, indo a campo, coletando, registrando e analisando dados relativos a temas caros à Demografia. Além disso, não teria tido o privilégio de conviver com colegas – alguns, hoje, amigos e amigos muito queridos – que são referências na Demografia nacional e, também, internacional.

---

<sup>1</sup> Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Com a mudança da Faculdade de Ciências Econômicas da rua Curitiba para o *campus* da Pampulha, a sala do professor Zé Alberto e a minha sala ficaram muito próximas e os encontros para um cafezinho se tornaram mais frequentes. Com isso, nossas conversas sobre demografia se intensificaram, mas não foram as únicas que tomaram conta de algumas de nossas horas no corredor do 3º andar e na sala de café do novo prédio da Face. Os assuntos foram se diversificando e passavam por indicações de bons livros, histórias sobre a vida na fazenda, discussões sobre criação de gado e, também, sobre maneiras mais adequadas de cultivar plantas! Nos meses anteriores ao distanciamento social, obrigatório devido à pandemia, trocamos várias mudas de plantas e conversamos muito sobre como cuidar bem de hortas caseiras.

Certo dia, durante uma de nossas conversas, percebi que o professor estava um pouco triste e cabisbaixo. Não cabia a mim perguntar a razão de tamanha tristeza, mas ele me contou, em poucas e rápidas palavras, o quê o incomodava. Para alegrá-lo, perguntei se ele se lembrava do convite que havia me feito para ficar no Cedeplar e falei que achava que o tempo havia passado rápido demais, pois eu já estava ali há quase quinze anos. Ele me olhou com espanto e disse que era por isso que estávamos ficando velhos. Repliquei e falei que, velha ou não, eu era eternamente grata a ele por ter me convidado para ficar. Quando lembro desse dia e dessa conversa, a sensação de que não devemos deixar um agradecimento ou uma palavra de carinho e consideração para depois se confirma.

Em nossa última conversa descobrimos que ele sabia muito sobre a vida de político de meu avô materno que, lá pelos idos dos anos 1950 e 1960, foi senador e deputado federal. Rimos das histórias dos “políticos das antigas” e nos despedimos, acreditando que logo a pandemia acabaria e que, em breve, nos reencontraríamos. Não foi, e não será, assim. A vida é uma sequência de ciclos que se iniciam e se encerram. A passagem de um ciclo para o outro nem sempre é fácil. Pessoalmente, tenho muito a agradecer ao professor Zé Alberto por ter tornado a passagem de um dos meus ciclos para outro muito mais fácil e suave!

Tenho a certeza de que a ausência física não significa o fim dos sentimentos de respeito, consideração e gratidão. Eles permanecem entre aqueles que conheceram a competência e a amizade do professor Zé Alberto. Seus ensinamentos continuarão entre nós e serão levados adiante por aqueles que apreciam a demografia e as pessoas, como ele apreciou!